

Jorge M. Bergoglio
Papa Francisco

**Educar:
exigência e paixão**

Desafios para educadores cristãos

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Prefácio

É a paixão por algo que faz que gastemos nossa energia e nosso tempo na tentativa de aproximar o impulso que sentimos da realidade que nos cerca. Se o educador não for apaixonado pela educação melhor seria que não tivesse essa função. Mais que função, ser educador é uma vocação, um verdadeiro sacerdócio.

O prazer de educar deve vir do colocar-se diante do discípulo como alguém que quer transmitir algo, transmitir experiência, vida. Mas também quer receber e trocar sabedoria. Ninguém é uma folha em branco, nós temos nossas histórias, nossas bagagens culturais e familiares. Aquele que reconhece a riqueza do outro, esse sim poderá ser um bom educador, será alguém apaixonado pelo ofício.

Educar requer algumas exigências, a principal delas apontada pelo Papa Francisco neste livro, é ser portador da esperança, é a esperança que motiva a utopia, que mantém vivo o sonho, que faz que não esmoreçamos em face dos desafios. A esperança que brota na fé em Cristo deve ser uma armadura que envolve todo educador.

“A esperança cristã não é, então, um “consolo espiritual”, uma distração das tarefas sérias que exigem nossa atenção. É uma dinâmica que nos torna livres de todo o determinismo e de todos os obstáculos para construir um mundo de liberdade, para libertar essa história das correntes do egoísmo, da inércia e da injustiça nas quais se tende a cair com tanta facilidade.”

O Santo Padre, neste livro, nos convida a refletirmos sobre a situação da educação hoje; mais que uma análise, o Papa nos motiva a abraçarmos a educação como um bem que pode salvar o mundo, pois ela é capaz de mudar pessoas.

Pe. Luís Erlin, cmf
Editor

Apresentação

A orfandade na qual vive a cultura contemporânea reaviva a necessidade do reencontro com o Pai. Aqueles de nós que procuram viver todos os dias na presença dele têm o consolo de outras presenças. Pais e mães de sangue e de Espírito (Mt 16,17) caminham conosco, nos orientam nas encruzilhadas, nos acompanham no silêncio e com a palavra, nos levantam quando caímos e nos ensinam os segredos do caminho...

Neste contexto inserimos as reflexões que Jorge Bergoglio direciona aos educadores católicos, também chamados a curar a orfandade existente em cada criança, em cada jovem, em cada sala, em cada escola.

Sua palavra tem, neste momento, grande importância. Por isso, atualizamos sua mensagem, portadora da boa-nova e comunicadora da esperança.

Ao mesmo tempo em que causam profundo impacto em nosso dia a dia e questionam nossa condição de educadores cristãos, suas reflexões nos colocam em contato com a realidade atual, com as dificuldades,

oportunidades e desafios que ela nos apresenta, e mostram um caminho.

Um caminho que nos convida a rever nossa vida de fé e nossa condição de cidadãos construtores do reino nas fronteiras históricas de nossa nação desde a própria vocação. São palavras dirigidas aos educadores católicos, cidadãos de um mundo complexo que já está no terceiro milênio, em uma situação crítica e dolorosa, na qual também se une, com a morte, a Ressurreição.

Para se aprofundar em cada uma das cinco reflexões reunidas neste livro, os docentes encontrarão leituras que podem ser feitas *individualmente ou em grupos*, ainda que, quando nos propusemos à edição, tenhamos pensado nos trechos como importante veículo de revisão, renovação e encontro no seio da comunidade educativa.

Por fim, só nos resta pedir ao Mestre que possamos sorver, mais do que nunca, de seu exemplo, consagrando a vida e o compromisso ao maior mandamento, dar conhecimento a TODOS que nos pedem para conhecer e amar Jesus Cristo.

1

Ser educador católico
hoje: um grande desafio

Testemunhas de Jesus ressuscitado

Os educadores cristãos são testemunhas na época da pós-modernidade, envolvidos em uma transição que poderia ser chamada de “cultura do naufrágio”. Este texto, no entanto, não deve trazer pessimismo, mas, sim, o contrário: ele nos propõe um caminho, um desafio e uma vocação.

Nessa situação, temos um papel ativo: sermos naufragos. O naufrago sempre está sozinho com seu próprio ser e sua própria história: esta é sua maior riqueza. Claro que existe a tentação, diante da crise, de reconstruir tudo pela inércia com os restos de um barco que já não existe ou cair na simples repetição ou no esnobismo, tirando a esperança de quem se acomoda nos momentos atuais. O segredo está em não inibir a força criativa de nossa própria história, de nossa memória. O âmbito da educação, na busca pela sabedoria permanente, é um espaço indicado para este exercício: reencontrar-se com os princípios que permitiram

a realização de um desejo, redescobrir a missão ali escondida que se esforça para continuar se desapegando.

Memória que é lembrança, reativação e reencontro, como na celebração eucarística, em que nos reencontramos com nossa carne e com a de nossos irmãos no corpo de Cristo. Memória é ir às fontes e chegar ao sentido, aprofundá-lo e avançar com direção. Por isso tem a ver com o ser e com o destino.

Vemos muita memória doente, sem forma, solta em lembranças incapazes de ir além da primeira impressão, envolvida em *flashes* e tendências atuais, sentimentos do momento, opiniões cheias de si que escondem a confusão. Todos esses fragmentos querem distrair, obscurecer e negar a história: *o Senhor está vivo e está no meio de nós*. Ele nos chama, Ele nos sustenta, nele nos reunimos e Ele nos envia. Nele somos filhos, nele alcançamos o ponto ao qual somos chamados.

Diante dos desafios de nossa cultura

Afirmamos que todo progresso não baseado na memória de nossas origens que nos dão a vida, ainda que cultural e histórico, é ilusão e suicídio. Uma cultura sem firmeza e sem unidade não se sustenta.

Mas o que nos leva é a busca pela plenitude da existência humana dentro do contexto da época que lhe dê caráter peculiar e determine possibilidades. Existe uma tensão bipolar entre plenitude e limite. Então, podemos nos perguntar: em qual antropologia a ação educativa e o chamado evangelizador devem se apoiar? Isso nos leva a tentar uma aproximação de valores de época.

Características expressivas do homem de hoje são a mentalidade tecnicista e a busca pelo messianismo profano. Elas criam o “homem agnóstico”: detentor do saber, mas sem unidade e, por outro lado, carente pelo esotérico, nesse caso secularizado.

A tentação da educação é ser agnóstica e esotérica quando não sabe lidar com o poder da técnica a partir

da unidade interior que surge dos fins reais e dos meios usados pelos homens. Cada vez mais vemos pessoas que reduzem a política à retórica ou escolhem envolver-se em análises da situação em vez de compreender os sinais dos tempos! Ou aquelas que não conseguem fugir da sedução cultural que a autonomia da semiótica exerce hoje, que pouco a pouco vai criando um mundo de ilusões com peso de realidade. É preciso libertar a antropologia do aprisionamento dos nominalismos.

Por outro lado, podemos encontrar pessoas que se apegam a seus temores conscientes ou inconscientes, hasteando bandeiras de deuses que justificam suas aberrações ou simplesmente seus preconceitos ou ideologias. É assim que, desde o fundamentalismo de qualquer sinal até a *new age*, passando por nossas próprias mediocridades na vida de fé ou pela vida daqueles que usam elementos cristãos, mas que misturam na neblina o essencial da fé, os náufragos pós-modernos temos nos alimentado nas prateleiras cheias do supermercado religioso. O resultado é o teísmo: um Olimpo de deuses fabricados à nossa própria “imagem e semelhança”, espelho de nossas próprias insatisfações, de nosso medo e de nossa autossuficiência.

O sincretismo conciliador, que fascina pela aparência de equilíbrio, também é abundante. Evita o conflito não para resolver a tensão, mas, sim, simplesmente para o equilíbrio de forças. Ganha dimensões maiores na área da justiça e à custa dos valores. Em si mesmo, é considerado um valor e seu embasamento surge da convicção de que cada homem tem seu

direito: basta que tenha equilíbrio. Gosta de anunciar os valores comuns, não são nem ateus nem cristãos, mas, sim, neutros ou que são, como costuma-se dizer, transversais no que diz respeito às identidades e às pertenças. É, assim, a forma mais enrustida de totalitarismo moderno: o de quem concilia prescindindo de valores que o transcendem. Dá-se um deslocamento até uma moral conciliadora de estrutura totalitária contra os valores mais profundos de nosso povo.

Próximo está o relativismo, fruto da incerteza contagiada de mediocridade, que é a tendência atual a tirar o crédito dos valores ou, pelo menos, que propõe um moralismo imanente que posterga o transcendente substituindo-o com falsas promessas ou fins conjunturais. A separação das raízes cristãs transforma os valores em trejeitos, lugar-comum ou simplesmente nomes. Daí para a queda de uma pessoa é um passo. Porque, definitivamente, uma antropologia não pode esquivar o confronto da pessoa com a Pessoa que transcende e que a fundamenta nessa mesma transcendência.

Ao lado deles, encontramos a desejada busca por uma pureza que é a base de qualquer forma de niilismo. Parece evocar os dons sobrenaturais: razão pura, ciência pura, arte pura, sistemas puros de governo. Essa ânsia por pureza, que às vezes ganha forma de fundamentalismo religioso, político, histórico, ocorre à custa dos valores históricos dos povos e isola a consciência de tal modo que a impede de captar e aceitar os limites dos processos. O homem de carne e osso, com uma pertença cultural e

histórica concreta, a complexidade do humano com as tensões e suas limitações não são respeitados nem levados em conta. A realidade humana do limite, da lei e das normas concretas e objetivas, a sempre necessária e sempre imperfeita autoridade, o compromisso com a realidade são verdades insuperáveis para esse modo de pensar.

Um novo niilismo “universaliza” tudo, anulando e desmerecendo particularidades ou afirmando-as com tamanha agressividade que consegue destruí-las. Essa tendência de uniformizar políticas até uma “nova ordem”, pela internalização total de capitais e meios de comunicação, deixa-nos um sabor amargo de despreocupação referente aos compromissos sociopolíticos concretos, por uma participação real na cultura e nos valores regionais. Não podemos nos reduzir a um número nas estatísticas das pesquisas de opinião ou nos estudos de mercado, ou a um estímulo para a publicidade.

O homem de hoje sente o afastamento e o desamparo. O que causou isso foi o afã desmedido por autonomia herdado da modernidade. Perdeu o apoio em algo que o transcenda. Ocorre uma tensão entre os opostos regra-originalidade, na qual é preciso evitar cair na coerção – que é o exagero da regra – e também na impulsividade – que é o exagero da originalidade. Desse afastamento das raízes constituintes vem a tentação dos retornos e dos refúgios culturais. Ao se ver dividido, separado de si mesmo, confunde a nostalgia própria do chamado da transcendência com a saudade de mediações imanentes também desapegadas.

Criar nos outros o dom de Cristo

*“Eu os mandarei o Prometido de meu Pai;
entretanto, permaneçei na cidade, até que sejais
revestidos da força do alto.”
(Lc 24,49)*

Com base na promessa, a esperança triunfa. Não saiam de seus lugares. Permaneçam juntos. O dom, que é força, renovará todas as coisas.

Estamos convidados a criar uma “cultura de comunhão”. E uma mística autêntica recuperada é essencialmente incisiva: impõe-se para fora, mas não com forte violência, mas, sim, com a mansidão que nasce da sabedoria e tem ganhado espaço por sua leve luminosidade.

Nossa consagração a Deus Pai desde a cosmovisão, que implica o nascer no seio do Corpo Místico do Verbo Encarnado, e principalmente da experiência de vida do povo fiel e crente, nos coloca em uma clara circunstância de fundamentação e identidade próprias.

Hoje, convivemos com uma humanidade inquietada, que busca sentido em sua própria existência, desejando articular idiomas e discursos para reconstruir uma harmonia do saber que estava perdida, ansiosa para integrar seu “eu” diante de tantas inseguranças. Não podemos deixar de ver essa busca espiritual como sinal do Espírito de Deus.

Nossa contribuição será superar a inércia que leva a reconstruir o que foi “o ontem” quando só existem na praia os restos de uma viagem interrompida. Como os primeiros cristãos – o ato de observar pode ser uma visão analógica útil para nos reencontrarmos com o espírito de nossa missão –, devemos anunciar, não apenas com mensagens convincentes, mas também essencialmente com nossa vida, que a verdade baseada no amor de Jesus Cristo a sua Igreja é realmente digna de fé. Porque, fartos de mensagens, nenhuma voz passa confiança, e corremos o risco de cair na incerteza e na indiferença, graves males do espírito.

Quando nossa mãe, a Igreja, nos leva a uma norma objetiva, a uma lição, nada mais faz do que passar ao pensamento e à prática a condição humana essencial e, portanto, faz, para sua dignidade pessoal, que cada homem a tenha como horizonte de sua ação, além de qualquer cultura e situação. A possibilidade de criticar e de se autocriticar, o meio e a si mesmo, com primazia e normativa máximas, ajuda a amadurecer. É bom ter uma palavra final à qual nos refiramos, que nos liberte de todo condicionamento e nos leve a nossa essência.

Hoje, mais do que nunca, o caminho é a santidade: sermos testemunhas verdadeiras do que se crê e se ama e vivê-lo em fraternidade. Tentando ser reflexo, não de nossas sombras, mas, sim, da palavra do outro. Esta é a verdadeira realização simbólica: a de um desejo unido ao daquele que não sabemos explicar, mas que já vimos porque nos permitimos ser encontrados por Ele e tê-lo amado. E o símbolo, como sabemos, cria cultura.

Esta conversa criativa, em nossos critérios, em nossas metodologias, na busca incessante pela verdade – que não pretende ser onipotente, mas, sim, crucificada –, que surge de todo encontro real com Jesus Cristo, leva-nos a moldar uma vida em comunidade que dê alegria entrar na verdade e na beleza, e onde nos sintamos convidados a viver o bem. Por outro lado, no silêncio do quarto, na humildade do compartilhar e do ajudar uns aos outros está o remédio contra a mediocridade que leva à corrupção e ao desinteresse, coisas que causam tanta incerteza em nossos jovens e que motivam a evasão e a superficialidade.

Com base no mistério de Deus manifestado no corpo de Cristo, podemos delinear a tarefa de formação de nossas escolas: ser reflexo da esperança cristã de enfrentar a realidade com verdadeiro espírito bondoso. A humanidade crucificada não dá espaço para que inventemos deuses nem acreditemos ser onipotentes; melhor é um convite – através do trabalho criador e do próprio crescimento – a crer e manifestar nossa vivência na Ressurreição, na vida nova.

É missão da escola formar-se e formar com esta consciência: o homem é filho, unido ao primogênito do Pai, e, assim, feito para seguir seu desejo, sua vontade, que sempre se reorienta. A ilusão relativista de que em si mesmo está a própria orientação não passa de mais um fracasso, que marca uma nova frustração. Nós seres humanos não podemos viver sem lei que nos estructure, sem chamado que nos oriente, sem o calor de Pai que nos envolva.

O espírito relativista procura evitar as tensões, os conflitos; teme a verdade. Sentimos medo, nestes tempos onde tudo parece se mover por puro interesse, ao pensar que algo possa ser dom; que existe um amor que nos sustenta e que a única garantia de sermos livres plenamente está na aceitação dessa verdade.

A concretização da verdade em que acreditamos é possível nas particularidades diferenciadas. De comunidades pequenas, mas conscientes de sua identidade, afirmadas sem soberba nem estereótipo, mas com serenidade de quem acredita e convoca com seu exemplo, é possível formar aqueles que sejam capazes de grandes desejos e grandes renúncias. Nossa paixão é criar verdadeiros filhos dessa verdade, mantendo-nos fora de projetos comumente ambiciosos.

Educar, a grande tarefa que Jesus coloca em suas mãos

Temos uma obra de amor: educar.

Educar é dar vida. Mas o amor é exigente. Exige o comprometimento dos melhores recursos, as vontades não ciclotímicas, despertar a paixão e com paciência colocar-se no caminho.

Nossas escolas são âmbitos privilegiados de encontros entre pessoas. Cada homem e mulher é único, é inalienável e insubstituível; é essa singularidade que deve inspirar a harmonização em um plano superior nas tensões inevitáveis dos momentos de crise. São também um lugar propício para a criação de experiência de vida orientada para o encontro e a solidariedade, expressão mais próxima do que é ser comunidade.

Que cada pessoa que se una ao projeto para exercer seu papel de educador o faça em plena sintonia com o ideário, com disposição ao trabalho em comum, assumindo com responsabilidade o espaço que lhe cabe. E assim, cada um com suas peculiaridades,

tornará a troca mais rica, servindo a um projeto maior e persistente. O projeto que é o de Deus para o homem.

Uma atmosfera especial deve reinar. Marcada pela busca da sabedoria. Com seriedade acadêmica, siga espalhando a rica e variada informação científica, mas favorecendo a integração do saber. Tarefa difícil que deve ser acompanhada por duas ações: ajudar a investigar a fundo, desenvolvendo a capacidade de ver além, de captar os sinais e alusões escondidos nas coisas e nos acontecimentos; e em tudo o que esteja relacionado, possibilitar o foco e a síntese da cosmovisão católica do mundo e da história. Acreditamos que uma maior cooperação interdisciplinar entre as ciências e a teologia seja urgente, facilitando a contemplação da sinfonia da criação.

Caros educadores: como é grande a tarefa que Jesus coloca em suas mãos. Cultivem sua personalidade, transmitam com seu ser um estilo, uma certeza. Não se entreguem à tentação de fracionar a verdade. Que os pais e mães não duvidem das capacidades dos alunos, nivelando por baixo, por meio do consenso negociador, do pacto demagógico, permitindo o cotidiano “relaxado”. Que ensinem o amor por Jesus Cristo a seus filhos. Mostrem o esplendor da verdade que aparece para aquele que sabe ver, emergindo de cada canto da natureza ou das obras dos homens. Passem ideias iluminadas para que, de posse delas, orientem os jovens e as crianças pelos campos da vida. Ajudem a criar laços e vínculos com pessoas, ideias e lugares,

porque o crescimento vem com a criação de pertencas. Aceitem o esforço de se manterem de pé, superando os obstáculos. Tenham amor pela verdade, pelo bem e pela beleza. Não caiam na tentação do fácil, que os tornam fracos. Saibam que, em uma existência sem transcendência, as coisas se tornam ídolos e os ídolos se tornam demônios que assolam e devoram as pessoas que pretendiam desfrutá-las.

Caros diretores e todos aqueles que têm responsabilidades de direção: meus melhores desejos para sua gestão, que tanta importância tem para o caminho de suas escolas. Às vezes, a carga se torna pesada. Vocês não estão sozinhos. Cuidem com amor e idoneidade de cada indivíduo e do conjunto, e sentirão, no momento certo, a suavidade de uma Presença que lhes dará apoio e ânimo.

Estejam atentos ao alimento que repartem em suas casas. Não existe memória melhor do que a do aluno agradecido.

Com a força que vem do alto, com todo o meu afeto, quero desejar a todos os membros de nossas comunidades educativas como o Apóstolo: “Além disso, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável, eis o que deve ocupar vossos pensamentos. O que aprendestes, recebestes, ouvistes e observastes em mim, isto praticai, e o Deus da paz estará convosco” (Fl 4,8-9).